

# Banqueiros ingleses acham que foi ruim para as duas partes

por Tom Camargo  
de Londres

"Não é uma boa notícia para nenhuma das partes", disse ontem um banqueiro inglês a este jornal, ao saber que o Brasil e seus credores suspenderam as negociações em Nova York sem chegar a um acordo.

Esta fonte do Lloyds Bank, casa responsável pela coordenação dos interesses locais diante da dívida brasileira e cujo diretor para América Latina, Guy Huntrods, é um dos vice-presidentes do Comitê assessor, disse que "trata-se apenas de um adiamento dos trabalhos e que na semana que vem as conversas serão retomadas".

Um rompimento completo, derivado de "um impasse quanto ao nível dos "spreads", implicaria, segundo este informante, "em grande dificuldade para uma reabertura das negociações mais à frente".

## PEQUENA DIFERENÇA

Fazendo contraponto com esta linha de raciocínio, um banqueiro brasileiro estabelecido na City, e que esteve na linha de frente da crise da dívida, indagava-se que argumentos ambas as partes poderiam apresentar para voltar à mesa depois que tivessem virado às costas. "É pequena a diferença entre os "spreads" advogados por cada lado", raciocinou, "e, para os bancos, parece melhor um acerto ago-

ra do que ficar com a incerteza de conversar com gente nova, trabalhando para um novo governo".

Outro banqueiro, este do Barclays Bank International, disse que a comunidade de bancos inglesa continuaria tendo uma visão mais conciliadora quanto à maneira de conduzir o acerto com o Brasil. Observou que "a imagem do país recuperou-se de forma extraordinária graças aos ganhos na área comercial e à notável tranquilidade da transição de poder. Nenhum banco está agora interessado em fazer as coisas voltarem para trás".

## MUITOS RUMORES

O temor é de que uma falta de acordo represente ânimo extra para as centrais de boatos e rumores. "Especula-se sempre pelo lado ruim", disse um banqueiro.

A dois meses da posse da administração, admite-se que o prazo é pequeno para a remontagem de uma nova fase de conversas. Mas, também, aceita-se que o tempo não é longo o suficiente para trazer complicações legais para os bancos, na suposição de que o Brasil se veja impelido a adiar pagamentos.

"O novo governo já deixou claro que continuará no mercado internacional", disse um dos banqueiros. "Não vejo a ameaça de desentendimentos sobre fatos essenciais", concluiu.